



Mais uma vez, por iniciativa do Professor Dr. Francisco Castilhos Marques Pereira, D. Diretor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, a Egrégia Congregação, na sessão solene e pública de 22-11-1966 prestou homenagem aos Professores aposentados em 1966, Catedráticos: Ivo Corrêa Meyer, Celestino de Moura Prunes, Othon Soares de Freitas e Professores Adjuntos: Custódio Vieira da Cunha, Osmar Pila, Helio Medeiros, Carlos de Brito Velho, José dos Anjos Vasconcellos, Apolo Corrêa Gomes, Antônio de Souza e Osvaldo Kessler Ludwig.

Representando os Professores Catedráticos, o Professor Rubens Maciel pronunciou o seguinte discurso.

Excelentíssimo Senhor Diretor da Faculdade de Medicina.

Demais autoridades presentes ou representadas.

Senhores professores.

Senhores alunos.

Minhas senhoras.

Meus senhores.

Senhores professores homenageados.

Revivendo praxe que mais e mais se afirma, e vai ganhando foros de tradição, a Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul reúne, mais uma vez, seus integrantes, para homenagear os professores que se retiraram da atividade docente. Representativos dos diversos escalões hierárquicos do corpo professoral, irmanam-se nossos homenageados de hoje na importância dos serviços prestados à educação médica e na dedicação aos interesses e ideais de nossa Faculdade.

Imperativo daquela seriação hierárquica determina caber a um professor catedrático a honra e a responsabilidade de saudar os seus pares. Mas acertada tivesse sido a escolha ou menores as insuficiências do intérprete, e seria trabalho fácil o cometido.

Saudar Ivo Corrêa Meyer, Celestino de Moura Prunes e Othon Soares de Freitas é, em verdade, bem simples, se a saudação se alicerçar, qual breve bosquejo histórico, na descrição do que têm sido a vida e a atividade de cada um deles, como professores desta Casa. Difícil é traduzir o pesar que a todos nos assoberba, vendo-os que se retiram de nosso convívio. Não que a isso estivessem obrigados por lei. Pois tão depressa impôs a norma legal um limite cronológico às suas atividades, e já a Congregação, pelo voto unânime de seus componentes, representantes de todas as áreas docentes e discentes da Faculdade, acudia com o remédio pronto e eficaz da prorrogação. Entenderam os três ilustres professores, no entanto, que era chegado o momento de pôr um término a esta etapa de sua colaboração conosco, muito embora, estou certo, permanecam como sempre ao dispor da sua casa de ensino. Conhecemos e respeitamos as razões que a cada um levaram a essa decisão. Sabemos também, e disso nos falará melhor seu eminente intérprete, da tristeza com que conseguiram preferir para si próprios a ordem de suspensão da luta.

Não nos resignamos, no entanto, nem o faremos facilmente, às conseqüências dessa decisão. A vida da Faculdade é um projeto de que todos participamos. Nela se fundem nossos esforços, se harmonizam nossas dissenâncias e se diluem nossos antagonismos. Para ela converge o que há de bom e de mau em cada um de nós. Em um certo sentido, ela não existe sozinha. Existe em nós, e através de cada um e de todos é que seu ente toma forma, significado e vida.

Quando um professor se vai, vai-se com ele um pedaço da Escola. Outro virá substituí-lo, porque a vida é isso mesmo: um contínuo perder e ganhar, em que aquilo que mais supomos nosso, que é nosso corpo, não passa de uma fôrma cujos materiais incessantemente se renovam. Mas quando, nessa imagem estática, introduzimos a dimensão do tempo, imprimindo-lhe uma perspectiva histórica, vemos que, em rigor, a

substituição é impossível, pois cada um foi uno e ímpar no contexto em que se inseriu a sua obra. Permite que, em relação aos três professores que se retiram, em vê-la rememore, para que, recordando-a, possamos voltar a viver aqueles momentos de glória e de prestígio da nossa Faculdade.

Nascido em Uruguaiana, a 14 de junho de 1899, o Prof. Ivo Corrêa Meyer fez seus estudos primários em Livramento, onde foi aluno da saudosa professora D. Dolores Alcaraz, aquela que viria a ser, posteriormente, a esposa do grande jornalista Caldas Junior. Deslocando-se para o Rio, o Prof. Corrêa Meyer efetuou lá seus estudos secundários, no Colégio Alfredo Gomes e no Curso Maurell da Silva. Madrugando em sua vocação para o magistério, que vem sendo uma constante em sua vida inteira, ingressou no magistério da Prefeitura do Rio de Janeiro, onde, de 1915 a 1924, foi Coadjuvante de Ensino e, depois, professor das Escolas Noturnas. Professor à noite, aluno, e aluno devotado, durante o dia, Corrêa Meyer fez seu curso médico na já então centenária Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde colou grau em 1923. Sua tese de doutoramento, sobre "As injeções de leite nas afecções oculares", prenunciava já a carreira do mestre da Oftalmologia.

Os anos imediatos trazem-no de volta ao seu Estado natal, e o levam a exercer a medicina em Alegrete, cujo povo, como o de Santana do Livramento, teima até hoje em reclamar, para a sua gleba, a honra de ser o berço de tão ilustre figura da nossa medicina. Cresceu rapidamente o prestígio profissional e a projeção clínica de Corrêa Meyer, mas os afazeres da clientela cada vez mais extensa não lograram impedir que o seu apêgo às coisas do ensino continuasse a exercitar-se em Alegrete, onde foi Inspetor Escolar da Instrução Pública. O desenvolvimento de sua personalidade científica estava, porém, a exigir campo mais vasto e, daí a pouco, é a capital do Estado que vai reclamar sua presença, para incorporá-lo de vez, e definitivamente, aos quadros do seu corpo médico e professoral.

Vagara, desde 1924, a Cátedra de Clínica Oftalmológica da nossa Faculdade. Foi seu professor, desde a criação da cátedra, o notável e sábio mestre Vitor de Brito, cujo talento e erudição iluminaram e encheram de brilho uma das fases mais destacadas da evolução desta Escola. Após seu falecimento, em 1924, os saudosos professores Freire

de Figueiredo e Diogo Ferrás se revezaram na regência interina da Cadeira, e o fizeram de forma a manter o elevado padrão que lhes fôra legado. Faltava, porém, a ambos a autoridade que só uma situação efetiva confere plenamente, e, porisso, não lhes foi possível evitar que a Faculdade perdesse a direção do Serviço de Olhos da Santa Casa.

Em 1931, Corrêa Meyer presta concurso para Docente Livre de Clínica Oftalmológica da nossa Faculdade e, no ano imediato, igualmente por concurso, conquista a Cátedra da especialidade. Seu renome como especialista e seu prestígio como médico já ultrapassavam então as fronteiras do Estado, e lhe asseguravam posição de invulgar destaque na medicina riograndense.

Não foram fáceis, no entanto, os passos iniciais do novo catedrático. Desaparelhada a Cadeira de qualquer recurso para o ensino normal da especialidade, sem apóio num serviço hospitalar, viu-se reduzida ao ensino de anfiteatro que foi, durante quase dois anos, sua única possibilidade. Em maio de 1934, num gesto de compreensão e estímulo, a Provedoria da Santa Casa desdobrou o Serviço de Olhos daquela instituição, confiando a direção do setor de mulheres ao Prof. Corrêa Meyer. Iniciava-se assim a Enfermaria Santa Luzia, berço do admirável Serviço que todos conhecemos. Fernando de Paula Esteves e Walter Castilho, já professores, abrem mão de suas verbas, para favorecer o equipamento da Cátedra que se reinstala. O prestígio e devotamento do novo professor conquistam cooperação e ajuda. Não se concretizam estas, no entanto, senão passo a passo, e só esforços íngentes e uma perseverança infatigável conseguem ir aos poucos moldando a Escola de Oftalmologia do Rio Grande do Sul.

O prestígio desta, porém, caminha mais depressa que sua instalação material. Começam os trabalhos científicos, que conquistam para Corrêa Meyer uma posição de destaque na Oftalmologia brasileira, logo depois na Oftalmologia latino-americana e, rapidamente, nos meios oftalmológicos internacionais. Sua presença assídua nos congressos da especialidade, sua colaboração nas principais revistas científicas da disciplina, o rigor e profundidade de suas observações, a riqueza do material coletado, a qualidade da demonstração, a segurança da técnica, a atualização e amplitude da informação bibliográfica — tudo faz de Corrêa Meyer o mestre incontestável da especialidade, ouvido

reverentemente aquém e além fronteiras. Ao mesmo tempo, o prestígio profissional do professor insigne atrai a Porto Alegre multidões, cada ano mais numerosas, de clientes que vem buscar o amparo de sua ciência, a magia da sua técnica ou, pelo menos, o consolo de sua inexaurível bondade. Seu consultório torna-se o ponto de convergência obrigatório, para onde acorrem pacientes, não só do Estado, como das regiões limítrofes, dos países platinos, e mesmo de mais longe. A todos atende Corrêa Meyer com igual interesse e dedicação. Sua energia moral inquebrantável supera o cansaço e as limitações que a saúde vez ou outraabalada lhe vão impondo. À custa de uma disciplina férrea de trabalho e de esforço de método e meticulosidade constantes na coleta e acúmulo de dados e de uma dedicação integral à Oftalmologia Corrêa Meyer consegue fundir em uma só pessoa numa realização que é um quase milagre as figuras do chefe de escola, com abundante e valiosa produção científica, do mestre assíduo e atento à evolução de seus discípulos, e do profissional de enorme clientela, que implica não só na rotina exaustiva do atendimento clínico, como nas grandes tensões emocionais da cirurgia especializada.

A dedicação ao ensino continua a ser, porém, a tônica predominante dessa atividade admirável. Das mãos do mestre, vão saindo, pouco a pouco, cada vez mais numerosos, e sempre bem preparados, os discípulos que hoje constituem as grandes figuras da Oftalmologia da capital e de todo Estado. Transmitiu-lhes Corrêa Meyer não só o conhecimento dos segredos da especialidade, como um padrão ético de conduta médica e humana, e deles dizem os colegas, com certa ponta de malícia, que até na forma de cumprimentarem as pessoas se percebe que foram discípulos do Professor Ivo!

Não se detém Corrêa Meyer na formação de discípulos segundo a linha tradicional — que nos vem de Hipócrates e que é tão eficaz — de aprendizagem por convívio. Não lhe escapam as vantagens de uma formação sistemática, em bases mais amplas, e é assim que ele cria e desenvolve, em nossa Faculdade, um curso de pós graduação (em sentido amplo) de Oftalmologia.

Mais um passo, e ei-lo presidente da comissão encarregada de criar a Faculdade Católica de Medicina. Ao novo empreendimento emprestou Corrêa Meyer as qualidades de isenção, seriedade e gosto pela exce-

lência que são características da sua personalidade. Primeiro diretor da nova Faculdade, só veio a deixá-lo quando sentiu assegurados os objetivos aos quais emprestara o melhor do seu esforço.

Postos administrativos lhe foram reiteradamente oferecidos, e só sua obstinada dedicação à especialidade e ao ensino impediu nos fôsse ele furtado, para mais altas posições executivas. Seu amor à educação e aos doentes atraçou-o, no entanto, uma ou outra vez, ora elevando-o a Secretário de Educação e Cultura do Governo do Estado, ora prendendo-o, por três anos, à Provedoria da Santa Casa, onde deixou a marca de administrador invulgar, reequilibrando-lhe as finanças e traçando um plano diretor para seu desenvolvimento futuro. Nossa Faculdade sempre se valeu dele, como integrante de bancas examinadoras, como membro, várias vezes, do Conselho Técnico Administrativo e de comissões especializadas, e como diretor interino. De todas essas posições, no entanto, sempre retornou Corrêa Meyer ao convívio dos seus pacientes, e ao trato com os problemas de ensino e de pesquisa.

Membro correspondente da Academia Nacional de Medicina desde 1941, e da Academia Internacional de Medicina, dos Estados Unidos, desde 1944, integrante de diretorias de várias associações científicas, tendo sido Corrêa Meyer agraciado com títulos honoríficos da especialidade, por diversas entidades do país e do estrangeiro. Sua Santidade o Papa Pio XII conferiu-lhe, em 1954, comenda "Pro Pontifice et Pro Ecclesia", e o governo brasileiro agraciou-o, recentemente, com a Ordem do Mérito Médico, no grau de Comendador. Foi Corrêa Meyer o fundador dos Arquivos de Clínica Oftalmológica e Otorrinolaringológica de Porto Alegre, membro da Comissão Científica dos Anais de nossa Faculdade e colaborador de vários livros especializados, destacando-se seu trabalho no Tratado de Oftalmoscopia Clínica, publicado pelo professor cubano T. R. Yanes. Adroguê e Amêndola escolheram-no para prefaciá-los seus livros sobre neurologia ocular e manifestações oculares do pênfigo foliáceo, e os alunos de nossa Faculdade várias vezes o elegeram homenageado, fazendo dele seu paraninfo a turma de doutorandos de 1945.

Celestino de Moura Prunes, nascido em Quaraí, a 31 de maio de 1895, fez seu

curso primário em Alegrete, e o secundário no Ginásio Santa Maria, da mesma cidade, e em nosso Colégio Júlio de Castilhos. Formado pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre, graduou-se doutor em medicina, defendendo a tese "Tratamento do Impetigo pelo Método de Ziehl". Ingressando no corpo de saúde do Exército, dele afastou-se mais tarde, como capitão médico da reserva. No Rio de Janeiro, para onde se deslocou, especializou-se em Medicina Legal, tendo feito o curso de especialização no Instituto Médico-Legal daquela capital.

Reaproximando-se, em boa hora, de seu Estado natal, Celestino Prunes, em memorável concurso, que ainda bem recordo, sagrou-se Professor Catedrático de Medicina Legal, cujo cargo assumiu em outubro de 1933. Nesse mesmo ano, passou a integrar o Conselho Penitenciário do Estado, em que permaneceu até 1948. Em março de 1936, foi nomeado para exercer, cumulativamente, a Cadeira de Higiene e Odontologia Legal da Faculdade de Odontologia, então anexa à nossa. Quando, em 1952, a Faculdade de Odontologia tornou-se autônoma, Celestino Prunes continuou a integrar seu corpo docente, como professor catedrático daquela Cadeira. Em 1940, o Governo do Estado nomeou-o para exercer em comissão o cargo de médico-chefe dos Serviços Técnicos e Científicos de nosso Instituto Médico-Legal. De 1940 a 1948, exerceu também a função de perito psiquiátrico no Manicômio Judiciário, cujo médico-chefe substituiu várias vezes.

Ao assumir a Cátedra em 1933, Celestino Prunes veio a substituir o grande mestre Heitor Annes Dias que, ministrando até então aulas de medicina legal e de clínica médica, optara por esta última, no momento da federalização de nossa Faculdade. Para essa opção concorreu, sem dúvida, o marcado pendor do ilustre mestre pelos problemas da medicina interna, mas forçoso é reconhecer que terão contribuído, também, as dificuldades que encontrou, para realizar um ensino de medicina legal à altura das exigências de seu espírito.

Essas dificuldades foram a herança, que coube a Celestino Prunes superar. A Cátedra chegava às suas mãos equipada apenas com um microscópio, e suas atividades de ensino, na parte prática, reduziem-se à pesquisa de manchas, assunto antes de polícia técnica do que propriamente de medicina legal. Foi a partir dessa pobreza, realmen-

te franciscana, que Celestino Prunes, aproximando-se do Instituto Médico-Legal do Estado e do Manicômio Judiciário, conseguiu estruturar um ensino objetivo. Ao lado das preleções teóricas, que todos recordamos, não só pela qualidade científica, como pela profundidade do pensamento filosófico e pelo fino labor e bom gosto literário, surgiram então as demonstrações práticas, o contato com os casos e com os problemas da perícia, que vieram dar à Cadeira encanto nôvo e todo peculiar, que fez com que para ela se dirigissem alguns dos mais brilhantes espíritos das novas gerações médicas, hoje incluídos na equipe dos colaboradores do Prof. Prunes. Integração do ensino na perícia, necropsopia, perícias sexológicas, psiquiátricas e de acidentes do trabalho, eram alguns dos novos campos, desbravados pela cultura e segurança técnica do mestre, à curiosidade e avidez de conhecimento dos jovens médicos.

Ao lado dos assuntos de natureza pragmática, as lições de Deontologia Médica de Celestino Prunes orientaram e estruturaram a formação ética e a conduta dos nossos alunos, nos vários lustros pelos quais se estendeu a influência de sua palavra, profunda nos conceitos, clara, concisa e elegante na forma.

Já desde o início de seu professorado, procurava Celestino Prunes dar a seus alunos uma impressão psicológica dos temas abordados. Foi a partir de 1948, porém, que mais decisivamente se estruturou essa tendência marcante do seu pensamento. Nesse ano, licenciou-se o Prof. Prunes de suas duas faculdades e seguiu para o Rio de Janeiro onde, no Instituto de Psicanálise, sob a direção do Prof. Werner Kemper, iria, por cerca de cinco anos, fazer sua formação psicanalítica. Terminada esta, em agosto de 1953, retornou Celestino Prunes à nossa Faculdade e à de Odontologia, onde seu ensino passou a abordar mais profundamente os grandes temas da psicologia dinâmica, como introdução indispensável ao estudo da ética profissional, e à compreensão racional do comportamento social dos delinquentes, ao mesmo tempo que se constituíam em novos rumos para alicerçar a formação médica. Com os integrantes do grupo docente da Cátedra de Psiquiatria, iniciaram-se, então, sob forma de seminários, cursos de Psicologia Dinâmica, ministrados a grupos de 8 a 10 alunos, supervisionados

por Celestino Prunes e seus colaboradores. Data dessa época, também, a substituição das aulas magistrais pelos seminários, que vieram a constituir a espinha dorsal do ensino teórico da Cadeira.

Como psicanalista militante, Celestino Prunes passou a integrar o Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre, mais tarde reconhecido pela Associação Internacional de Psicanálise, quando se transformou na atual Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Membro associado do Centro de Estudos Psicanalíticos do Rio de Janeiro, desde 1951, foi aceito como membro efetivo do mesmo, após apresentação da memória correspondente, em 1955. Reconhecido o Centro pela Associação Internacional de Psicanálise, novo trabalho especializado, apresentado em 1957, conferiu-lhe a condição de membro efetivo desta última sociedade, com funções didáticas.

Muitos foram os trabalhos publicados por Celestino Prunes, tanto no campo da medicina legal, como no tocante à psicanálise, e igualmente vasto é o número das conferências e palestras proferidas sobre os tópicos de sua predileção. "Capacidade relativa no Direito Civil Brasileiro", "Prognóstico da Reincidência no Livramento Condicional", "A Formação do Médico", "Ética Profissional", e "Psicanálise das Instituições Sociais". "Psicanálise e Universidade" são alguns dos títulos de sua numerosa bibliografia.

Admirado e compreendido pelos estudantes, que dele fizeram seu paraninfo ou homenageado várias vezes, Celestino Prunes tornou-se um mestre em torno do qual havia sempre um auditório atento. Seu temperamento retraído, inteiramente avesso à teatralidade e aos gestos espetaculares, levava-o a refugiar-se numa penumbra muito aquém de seus méritos. Essa recusa sistemática à evidência do primeiro plano, não impediu que as características marcantes de sua personalidade, a clareza, organicidade e penetração do seu pensamento e os traços profundamente humanos da sua afetividade e do seu convívio, fizessem com que seus discípulos, admiradores e amigos, fossem periodicamente, como o estamos fazendo mais uma vez nesta noite, arrancá-lo à placidez de sua biblioteca, para ouvir dele a palavra final de orientação e esclarecimento.

Othon Soares de Freitas, nosso terceiro homenageado de hoje, nasceu a 11 de fe-

vereiro de 1900, na cidade de Rio Grande. Fez seus estudos secundários no Ginásio Anchieta e com os professores Simch e Irmão Weibert. Ingressou em nossa Faculdade em 1920, transferindo-se na quarta série para o Rio de Janeiro, onde se doutorou em 1926, pela Faculdade de Medicina da então capital da República. Ajudante de preparador de histologia e de microbiologia, em Porto Alegre, no Rio foi interno de Rocha Faria, de Clementino Fraga, dos Serviços de Cirurgia do Pronto Socorro e do Hospital Pró-Matre.

Uma vez formado, foi distinguido com um convite para assistente dos Serviços de Ginecologia e Obstetrícia do insigne mestre Fernando de Magalhães, cargo que exerceu pelo espaço de 3 anos. Regressando a Porto Alegre foi nomeado médico adjunto extra-numerário da Maternidade Mário Totta, em 1930, começando aí uma carreira que o levaria a médico adjunto, a chefe de clínica em 1939 e finalmente a Diretor do Serviço.

Entrou para o corpo docente de nossa Faculdade em 1933, ano em que foi nomeado assistente de Clínica Obstétrica. No ano imediato, passou a professor do Curso de Enfermagem Obstétrica, cargo que ocupou até 1937. Em dezembro deste ano assume a chefia de clínica da Cadeira de Clínica Obstétrica que exercerá até 1942.

Em novembro de 1935 o concurso de títulos e provas confere-lhe o grau de docente livre de Clínica Obstétrica de nossa Faculdade. Em março de 1942, assume em caráter interino, a chefia da Cátedra vaga com o falecimento daquela extraordinária figura de homem e de professor que foi Mário Totta. Em maio de 1947 realiza-se o concurso para provimento efetivo do cargo e Othon Soares de Freitas é classificado como seu titular.

Foi representante dos docentes livres junto à Congregação da Faculdade de Medicina e ao Conselho Universitário. É sócio da Sociedade de Medicina e da de Cirurgia, sendo eleito presidente desta em 1943. É membro honorário do Centro de Estudos Antônio Cordoso Fontes, do Hospital Sanatório Belém. Como médico assistente adjunto do Serviço Anti-Venéreo das Fronteiras, do Ministério da Educação e Saúde Pública, colaborou na organização deste serviço, principalmente do seu Centro Modelo cuja instalação ficaria aos seus cuidados.

Colaborou na organização da atual Maternidade Mário Totta, aparelhada para as maiores necessidades clínicas.

Fêz viagem de estudos a Buenos Aires e Montevideo, frequentando naquela cidade os serviços dos professores Peralta Ramos, Beruti, Perez, Rojas e Ricardo Finochietto, e nesta, os dos professores Infantozzi e Rodrigues Lopes.

Entre os seus trabalhos sobre a especialidade, citam-se: Cesareana Média; Edema Genital na Gravidez; O Sonifeno no Parto sem Dor; Da Estrogenioterapia nas endometrites puerperais; Da Identificação Provisória e Imediata dos Recém-nascidos nas Maternidades; Da Etiopatogenia e Terapêutica do Ovo de Térmo Morto e Retido; Sobre um caso de inversão puerperal crônica do útero.

Ademais, Othon Freitas participou de cursos de atualização em obstetrícia e ginecologia, versando os temas: Cesareana com Feto Morto; A propósito de uma Indicação de Ocitócio na Prática do Forceps; Indicações da Via Baixa.

E' Irmão Benemérito da Santa Casa de Porto Alegre, desde 7 de dezembro de 1953.

Dentre as realizações de interesse social, o amparo ao recém-nascido enjeitado por sua mãe na Maternidade Mário Totta, tem merecido de Othon Freitas uma atenção muito particular. Sobre o assunto ele já publicou "Alguns aspectos da Assistência Maternal", em outubro de 1957, em que focaliza a importância da condição de mãe solteira, que sem arrimo do responsável pelo ser que se desenvolve em suas entranhas, repudiada pela família, pelos patrões, que ameaça com a perda do emprego, enfim desamparada pela comunidade, procura desfazer-se do filho, sem o cumprimento das disposições legais que regem a matéria. Dada a ausência de senso de responsabilidade, que é, entre nós, a causa principal do abandono do recém-nascido, fácil se torna a realização de tal propósito. Entretanto, é raro ocorrer, atualmente, a colocação ilegal de recém-nascidos, visando o recebimento fraudulento do auxílio-maternidade e do abono de família, bem como o registro de filho alheio como próprio, com o objetivo de mudar o direito de sucessão nas famílias, e para simulação de parto inexistente. E' que a luta contra esses crimes produziu os seus frutos.

Coube ao professor Othon Freitas a oportunidade de ter sido o primeiro, entre

nós, a chamar a atenção para um problema de grande importância: a atividade de mercenárias na Maternidade Mário Totta, no propósito de forçar o abandono do recém-nascidos. Assim descreve ele essa prática:

"Nos dias de visitação pública, a Maternidade em apreço é procurada por verdadeiras traficantes de crianças. Favorecidas pela atmosfera de confiança e afeto, que soi resultar das manifestações de solidariedade humana, como, efetivamente, o são as visitas hospitalares, as mercenárias, às vezes de parceria com o pessoal subalterno do serviço, insinuam-se entre as internadas, procurando persuadir as mães desajustadas entregar-lhes os filhos, sob a promessa de que os mesmos teriam futuro mais risonho e garantido. Para as mães especuladoras, que infelizmente existem, não falta o dinheiro, aguçando os apetites".

Outro problema que tem merecido a atenção especial de Othon Freitas é a instituição de uma maternidade nos moldes exigidos pela moderna técnica assistencial e pela pedagogia obstétrica atual. A obra é vasta e não pode de pronto ser instituída completa, porque consta de vários organismos, que protegem a mulher durante a gravidez, o parto e o puerpério.

Sintetizando a sua opinião sobre o assunto assim se expressa o professor Othon Freitas:

"Para que as maternidades possam ter o papel sócio-cultural que lhes cabe na obra maternal é de mister que as mesmas tenham as seguintes atividades: I — Propaganda cultural, moral e higiênica junto à mulher que está para ser mãe; II — sólida preparação técnica dos seus obreiros; III — amparo adequado à mãe solteira e a seu filho; IV — assistência obstétrica idônea; V — ensino eficiente".

Dificuldades de ordem material impediram até hoje que o Prof. Othon Freitas visse concretizado seu sonho de uma maternidade modelo, cuja estrutura e funções ele delineou magistralmente na aula de abertura dos cursos da Faculdade que lhe coube preferir. Sem atingir a esse ideal, a atual Maternidade Mário Totta, para nós que a conhecemos desde o início, representa o fruto magnífico de uma longa e profícua jornada. Nela nascem metade de todas as crianças que vêm à luz em Porto Alegre. Seu movimento ultrapassa o de um grande número de hospitais nacionais, situando-a

entre os maiores estabelecimentos do gênero no País. O aprendizado da obstetrícia, aberto a estudantes e enfermeiras, atesta a dedicação e eficiência de seu diretor, cuja assiduidade exemplar se sobrepôs mesmo a severos padecimentos físicos, do que posso dar testemunho pessoal.

Companheiro de Othon Freitas na Congregação e no Conselho Técnico Administrativo, posso atestar também o cuidado com que se houve sempre no prolatar suas decisões, o escrúpulo em examinar todos os aspectos de cada questão e o cuidado de manter-se sempre dentro das leis e regulamentos disciplinadores da matéria. Esse cuidado não chegou porém jamais ao exagero e não ocultou a bondade natural com que sempre se conduziu o nosso homenageado de hoje.

Senhores professores homenageados.

Da Faculdade que frequentastes alunos, ou da que conhecestes recém-formados, àquela que estais deixando, vai uma enorme diferença de aspecto e de proporções. Muito maior é a casa; enorme o novo hospital, que esperamos funcione em breve; rico e variado o parque de equipamentos; impressionantes os recursos, se comparados com a quase indigência de outrora.

Não são, porém, maiores os homens. Sabem outras coisas, que outras são as verdades de hoje; mas não sabem mais, do saber do seu tempo, que aqueles gigantes do pensamento e da cultura que foram alguns dos nossos mestres de ontem.

Também não é maior sua contribuição. Faz cada um o que pode, e nisso está o seu mérito.

O que quero dizer — e não sei até que ponto o consigo — é que, na vida da Escola, tem cada um de nós seu lugar. Será cada um medido pelo que podia fazer e pelo que fez. Haverá altos e baixos, no perfil de nossa história.

Vós estais entre os cumes. Nem o tempo nem as circunstâncias apagarão vossa obra. Estareis afastados, por decisão própria, mas sereis testemunhas de que a vossa velha Faculdade continuará a ter para convosco, pelos anos em fora, a gratidão e o carinho mal expressas quicá, nas vacilações de seu intérprete, mas cuja intensidade ides sentir em breve, no enternecimento dos olhares, no calor das palmas, na afeição dos cumprimentos, e na eloquência muda dos

silêncios que, na emoção da despedida, são o protesto dos lábios que se recusam a dizer adeus.

Em agradecimento o Professor Ivo Corrêa Meyer proferiu a seguinte alocução.

Há momentos, como o presente, quais de tal modo nos tolhe a emoção, que mais desejaríamos ouvir do que falar.

Breves serão, portanto, os instantes desta oração, cuja finalidade única é a de manifestar os nossos agradecimentos aos órgãos de Direção da Faculdade de Medicina por motivo da celebração de nossa jubilação professoral em ambiente de cálida amizade e de relêvo excepcional.

A incumbência de meus ilustres colegas e amigos Professor Celestino Prunes e Professor Othon Freitas de ser também deles intérprete nesta solenidade, avultou ainda mais a responsabilidade do mandato e as preocupações que dêste transcendem. A ambos sou agradecido pela dignidade que me conferiram, investindo-me de poderes que só a confiança da amizade permite conceder.

A generosa e benévola iniciativa do eminente Diretor da Faculdade de Medicina, Professor Francisco de Castilhos Marques Pereira, de celebrar em ato público e solene homenagem enaltecedora e singular diz bem de sua formação humanista e de sua elevada compreensão da excelsa missão educacional dos docentes e professores.

Tocou-nos profundamente o coração a decisão de sua iniciativa, por isso que o fato exprime o reconhecimento pela Faculdade do valor dos trabalhos dos que dela agora se desobrigam e que, dia a dia, durante vários lustros, participaram de suas atividades e de seus deveres multiformes.

Dela nunca nos sentiremos apartados e nem também lhe diremos adeus, pois os vínculos que prendem e ligam o professor à Faculdade são perenes, são definitivos.

Continuará o professor fora da Escola o que nela procurou ser: o educador por excelência, na extensão mais alta do vocabulo.

A sua obra de ensino e de educação prosseguirá através daqueles que colheram os seus ensinamentos e os seus exemplos. É isto penhor da afirmação de que ela continuará e de que será engrandecida.

Bendigamos e louvemos, portanto, o labor de nossos professores e de nossos colegas, do passado e do presente, cujos frutos de sua operosidade enchem a mancha em todos os recantos da nação, em todas as províncias do saber, de forma que se torne realidade todas as nossas esperanças, todos os nossos anêis e todas as nossas aspirações no sentido de fazer do Brasil nação grande e respeitada pelo trabalho pacífico, pela cultura e pelos sentimentos generosos de seus filhos.

Neste particular, significa para nós dever de consciência e de justiça evocar a personalidade tutelar do inesquecível Professor Sarmiento Leite, símbolo integral de educador, de médico e de cidadão.

Na verdade, o Professor Sarmiento Leite encarnou o conceito da ingente obra educacional que a Faculdade vem realizando, tendo como fundamento a tradição de seu exemplo.

A evocação agora de seu nome tem também o sentido de uma homenagem que envolve a todos os diretores e professores, de ontem e de hoje, e que o auxiliaram a edificar e engrandecer esta Casa.

Sempre será para nós muito grata a lembrança do convívio destes colegas e amigos, que se têm consagrado ao aperfeiçoamento e ao aprimoramento do ensino médico em nosso Estado.

Dentre eles, cabe de justiça uma palavra de recordação e de saudade à figura digna do saudoso Professor Fernando Freitas de Castro, sacrificado em acidente de aviação, quando se desincumbia de missão de seu cargo de Diretor da Faculdade perante o Ministério de Educação e Cultura. À sua memória, a nossa homenagem respeitosa.

Professor Rubens Maciel, falastes, bem o sabemos, com as vozes da amizade, com o pulsar forte de vosso coração magnânimo e compassivo. A vossa peregrina inteligência deu prova mais uma vez da grandeza de vossa alma e de vossos sentimentos generosos.

Agradecemos do íntimo de nosso ser as vossas palavras repassadas de afeto, de consideração e de profunda amizade.

Cumprimos, ao concluir, o imperioso dever de manifestar os nossos agradecimentos às eminentes autoridades civis, militares e eclesiásticas, aos altos representantes dos diversos Institutos da Universidade, dos da Universidade Pontifícia Católica, dos da Faculdade Católica de Medicina e a todas pes-

soas presentes pela adesão que emprestaram a este ato universitário, prestigiando de forma eloquente esta comemoração.

Sejam nossas últimas palavras, invocando a grandeza e a glória deste tradicional e benemérito Instituto de Ensino Superior, de agradecimento e de louvor ao eminente Diretor Professor Marques Pereira.

Como representante dos Professores Adjuntos, saudou os colegas aposentados o Professor Lafayette de Freitas Brandão, proferiu a seguinte oração:

Exmo. Sr. Prof. Ivo Wolff — Reitor em exercício da U.F.R.G.S.

Exmo. Sr. Prof. Irmão José Otão — Reitor Magnífico da P.U.C.

Exmos. Profs. Antônio Sant Pastous e Eliseu Paglioli, Ex-Reitores desta Universidade.

Exmo. Sr. Prof. Francisco Marques Pereira — Diretor da Faculdade de Medicina da UFRGS.

Exmo. Sr. Dr. Heitor Cirne Lima — Diretor da Faculdade Católica de Medicina de Porto Alegre.

Sr. Prof. Peri Riet Corrêa — Representante do Conselho Universitário da UFRGS.

Sr. Dr. Fernando Dornelles — Presidente do Conselho Regional de Medicina.

Senhores Professores

Demais autoridades presentes

Senhoras

Senhores

Caros amigos e Professores

Custódio Vieira da Cunha

Osmar Pilla

Hélio Medeiros

Carlos de Brito Velho

José dos Anjos Vasconcellos

Apolo Corrêa Gomes

Antônio de Souza e

Osvaldo Kessler Ludwig

A condição de Presidente da Associação dos Professores da Faculdade de Medicina, proporcionou-me o privilégio de saudá-los nesta solenidade, expressando simultaneamente meu pensamento pessoal e o dos associados da entidade que presido.

Dentro de um critério convencional, caberia a mim ressaltar traços marcantes de suas personalidades e fatos relevantes de suas vidas profissionais, ocorridos no mínimo nos últimos 30 anos.

Difícil, entretanto, se torna, num tempo

limitado, sintetizar biografias de oito amigos, de oito personalidades tão diversas, de oito homens que, por um período de tempo tão longo, atuaram em áreas tão diferenciadas da Medicina e de outras atividades humanas, pretendendo dentro de um critério de justiça, ressaltar fatos, atitudes e ensinamentos que expressem a influência direta ou indireta representada na vida profissional dos que foram seus alunos e são seus amigos, entre os quais me incluo.

Necessário se torna, pois, que seja encontrada uma forma genérica, através da qual e, apesar de tôdas as qualidades e defeitos inerentes à nossa condição de humanos, fugindo de atitudes emocionais, às quais sou avesso por formação e temperamento, consiga eu definir uma razão clara e sincera para que esta saudação tenha um sentido humano, honesto e real.

E essa razão eu a encontro, meus caros professores e queridos amigos, no fato humano, a meu ver grandioso, de, utilizando diferentes formas, expressas por atitudes profissionais, filosóficas, religiosas e políticas, inerentes e peculiares à personalidade de cada um, terem atingido, com a dignidade e a capacidade exigidas por seus semelhantes, num prazo estipulado como limite de resistência humana aceitável, uma situação em função da qual cabe-me a honra de saudá-los.

E ao falar-lhes então, eu saúdo oito homens que, agradando a uns e desagradando a outros, desejando acertar sempre, mas certamente errando várias vezes, enfrentando alternativamente o elogio e a crítica, recebendo compensações e sendo julgados talvez com injustiça, enfrentando com persistência todo um escalonamento de dificuldades inerentes à luta pela vida em moldes de sobrevivência honesta, experimentando vitórias e derrotas, alegrias e tristezas, conseguiram não apenas sobreviver, mas diferenciar-se em seus diversos campos de atuação, a ponto de merecer a consideração e a homenagem que hoje lhes é prestada.

Esta homenagem, entretanto, em hipótese alguma se lhes deve afigurar como uma despedida, um aviso de retirada, ou uma sugestão obrigatória de afastamento e segregação.

Se por um lado, a comunidade médica que hoje os homenageia e juridicamente, através de seus órgãos competentes os libera por direitos adquiridos da rigidez de horários e da execução de programas de traba-

lhos prefixados, espera e deseja que êsse tempo seja utilizado no estabelecimento de um maior intercâmbio cultural, de uma comunicação e diálogo humanos, mais francos, menos formais, mais espontâneos e desinteressados, com aqueles para cuja formação contribuíram.

E' fora de dúvida que a evolução de uma sociedade deve ser medida em primeira instância — pelo respeito, pela dedicação, carinho e motivação oferecidos pelos mais moços aos mais experientes.

Notem que foi utilizada a expressão mais experientes ao invés de mais velhos, pois o conceito de envelhecimento e velhice, além de medicamente constituir-se em tema aberto, certamente é inversamente proporcional ao grau de maturidade, cultura e evolução de uma sociedade.

E então, entre muitas outras razões pelas quais poderia fazê-lo, eu os homenageio antes de mais nada por sua condição de mais experientes; eu os respeito e os admiro pelo fato de, tendo começado a lutar mais cedo, já terem, certamente, aprendido a atender tudo melhor, a perdoar com mais facilidade, a ter uma maior dose de paciência e serenidade, a contentar-se com menos, a saber esperar,

em resumo,

eu talvez até os inveje por ter a certeza de que atingiram um grau de evolução e de maturidade intelectual e espiritual, bem como uma sensação de dever cumprido que a mim, em especial, e, certamente a um grande número daqueles que represento, ainda não foi dado alcançar.

Recebam, pois, meus caros professores, em meu nome pessoal e em nome dos Professores da Faculdade de Medicina a expressão de nosso respeito, a certeza de nossa amizade e o desejo de que nossas instituições universitárias, através de uma valorização adequada de nosso trabalho profissional e da definição de uma situação condigna para o magistério superior, motivando e interessando-o, retribuindo materialmente, mas principalmente diminuindo o desgasto humano, faça surgir espontaneamente o desejo, ou nos dê o direito de exigir-lhes com maior convicção, que continuem de forma regular e por muito mais tempo a transmitir-nos e a divulgar o que tanto lhes deva ter custado analisar, sintetizar, assimilar e interpretar em suas diferentes áreas de atuação médica e humana, cultura e sabedoria, essas que somente o tempo e a vida aprimoram,

requintam, embelezam e que as elites das gerações mais novas e menos experientes cada vez mais desejam, negando-se a desperdiçá-las e a desconhecê-las.

Em nome dos Docentes Livres aposentados o Professor Osmar Pilla agradeceu pronunciando a seguinte oração:

Exmo. Sr. Magnífico Reitor, Prof. Ivo Wolff, Exmo. Sr. Reitor da Universidade Católica, Prof. Irmão José Otão, Exmo. Sr. Diretor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, Prof. Francisco de Castilhos Marques Pereira; Exmos. Diretores das Faculdades e Escolas Universitárias de P. Alegre; Exmos. srs. representantes das autoridades civis; Exmos. srs. funcionários desta Casa; minhas senhoras, meus senhores, meus caros colegas.

Mesmo que não conhecêssemos nós, o mentor intelectual desta homenagem que estamos recebendo, teríamos facilidade em identificá-lo ao verificar a sensibilidade e a bondade com que foi feita a escolha do intérprete dos sentimentos da direção e do corpo docente desta Faculdade. Escolheram um dos mais jovens de seus representantes, a fim de nos poupar ouvir a palavra de um companheiro mais antigo, para que não tivéssemos a impressão de abandono de trincheira, mas ao contrário, para que sentíssemos, nesta saudação feita por um ex-aluno, hoje um docente e como nós, a sensação de vitória, a sensação do atleta que, como numa eterna corrida de revezamento, estivesse a entregar o bastão de suas responsabilidades universitárias, a um colega mais novo, ainda por enquanto mais descansado, para que este continuasse aquela estrada interminável do ensinar, do formar jovens para a missão de curar.

Homenagem toda feita de ternura e de carinho, não poderia ela deixar de rememorar aquela figura, pequenina e ciclópica ao mesmo tempo, do Professor Sarmiento Leite, fundador desta Casa, que tanto ajudou a plasmar o caráter e a personalidade de todos nós que estamos sendo homenageados hoje.

Bondoso ao extremo, incapaz de trancar a matrícula de qualquer aluno, mas ao contrário sempre a auxiliá-lo em suas dificuldades, e isto numa época em que o aluno não possuía força alguma dentro da administração da Escola, Sarmiento Leite não poderia deixar de ser evocado numa festa

de despedida como a de hoje, onde seus velhos discípulos deixam não mais as classes de aula, mas sim o púlpito da docência. E aquela figura tutelar do velho sábio, bondoso e pobre, parece ter continuado através dos diretores que o sucederam, a notar os rumos e os acertos da hoje, nessa conceituada Faculdade de Medicina. Os Professores Falk, Freitas de Castro, Guerra Blessman, Raul Moreira, Saint Pastous, Milano e Marques Pereria, dedicaram, a exemplo do velho mestre, parte de suas vidas, no sentido de engrandecer cada vez mais a Escola de Sarmiento Leite.

E' bem verdade que não teremos mais a oportunidade de vê-lo subindo aquelas escadas, lento, calado, pequenino, curvado já pelo peso dos anos, quase que impossibilitado de levantar a sua cabeça quando conosco falava, mas nos conhecendo a todos... pelos nossos sapatos.

O extraordinário e saudoso velho Sarmiento, como nós o conhecíamos. A sua imagem jamais se apagará daqueles que tiveram a ventura de serem seus alunos! Poderíamos dizer como o filósofo: "Meus olhos viram os homens de outrora. — E agora já está encerrada sua época. — Choro, entretanto, pensando que talvez não veja os heróis da posteridade".

Embora o tempo seja um fenômeno real, perceber, tanto no pensamento como na sensação, que ele não tem importância, é atingir a porta da sabedoria.

E hoje que fomos chamados à realidade do muito e muito tempo que já se passou, daquele dia em que, temerosos, esperávamos os resultados de nossas provas nos vestibulares, quisestes, mais uma vez ser bondosos para conosco. Escolhestes, com muito acerto, um anestesíologista para nos saudar. Desejastes amenizar o sofrimento e a dor da partida. Mas vosso intérprete conseguiu, sem embotar nossa consciência, transformar esta festa de saudade numa glorificação do dever cumprido. Afastamo-nos, hoje, funcionalmente desta Casa, mas pedimos vênias, para continuar em espírito, aqui, junto convosco, ad aeternitatem.

Exmo Sr. Diretor, pedistes para que eu substituisse o orador convocado para esta magnífica e comovedora reunião. Eu só poderia fazê-lo, como realmente o fiz, entregando em retribuição às magníficas palavras de saudação que recebemos de vosso intérprete, o coração de todos aqueles que hoje aqui se jubilam.